

Expresso	Periodicidade: Semanal
09-09-2022	Classe: Informação Geral
	Âmbito: Nacional
	Página(s): 24

Daesh MP quer saber quem revelou o nome das testemunhas

Duas horas depois de ter testemunhado no Iraque, um homem foi ameaçado por familiares dos dois irmãos acusados em Portugal de terrorismo

O depoimento para memória futura do homem iraquiano foi visto numa sala do Edifício B do Campus da Justiça de Lisboa. Lá dentro estavam Vítor Carreto, o advogado dos irmãos Ammar e Yasir Ameen; o juiz de instrução do processo, Jorge Antunes; a procuradora responsável pela acusação,

Cláudia Porto, uma funcionária judicial e uma tradutora.

Duas horas depois de ter prestado declarações, o homem, que estava no Iraque e aceitou ser identificado para que o seu depoimento pudesse ser usado para provar que os dois arguidos pertenciam ao Daesh, era visitado por familiares dos suspeitos "dizendo-lhe que caso algo acontecesse aos seus irmãos" seria "considerado responsável", relata a acusação do Ministério Público.

O homem não contou a ninguém que era testemunha no processo, não disse que iria de-

por naquele dia e a sua identidade só foi conhecida quando começou a ser inquirido pelas autoridades portuguesas. Por isso, o Ministério Público mandou extrair uma certidão para tentar perceber quem é que revelou a identidade da testemunha aos arguidos ou aos seus familiares, pondo em risco a sua vida "num país com uma taxa de homicídios muito superior à Europa", como frisa a procuradora.

Em causa está um crime de violação de Justiça. "Se alguém passou informação, não fui eu", garante Vítor Carreto, que diz não ter estado em todas as

inquirições das testemunhas. "Um colega meu esteve presente em alguns dos depoimentos", explica.

Mais testemunhas ameaçadas

Ainda segundo a acusação, houve "novos incidentes de intimidação de testemunhas no Iraque" que terão envolvido mais quatro pessoas que aceitaram depor contra os irmãos Ameen. Por causa disso, os arguidos foram proibidos de fazer telefonemas e de enviar ou receber cartas. "Eu não posso

trocar correspondência com os meus clientes, é a primeira vez que isso me acontece, e não tenho conhecimento de mais nenhum caso", lamenta Vítor Carreto.

As autoridades iraquianas foram avisadas das ameaças e um juiz de instrução chamou os familiares de Ammar e Yasir e avisou-os de "que seriam presos por interferirem no curso da Justiça se contactassem mais testemunhas da acusação", explica o MP. Só então as intimidações terão parado.

Agora, um procurador do MP português terá de investi-

gar a alegada fuga de informação e tentar perceber quem é que avisou os arguidos que estão acusados de terrorismo, crimes de guerra e, no caso de Ammar, de ameaças de que foi vítima uma funcionária do SEF. Terão pertencido à polícia religiosa e aos serviços de informação do Daesh quando esta organização terrorista autoproclamou um califado no Iraque. "É claro que vou pedir a instrução do processo e perícias psiquiátricas aos meus clientes", afirma Carreto. "Fizeram-lhes uma lavagem ao cérebro." R.G.